

DESAFIOS DA INSERÇÃO DOCENTE NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO: RELATOS DE UMA PROFESSORA¹

Nome- Instituição

Nome- Instituição

RESUMO

O trabalho é parte dos dados de uma pesquisa de mestrado profissional de natureza qualitativa desenvolvida em uma universidade pública com apoio da metodologia narrativa autobiográfica. O trabalho discute, a partir de autores como Cruz, Maia e Lontra (2021), e Marcelo Garcia (1999) a importância de programas de Indução Docente, como política pública, que propiciem ações de assistência sistematizada ao professor iniciante na profissão. Especificamente, trata dos desafios do professor ingressante na profissão em atuação no sistema socioeducativo a partir da experiência docente de uma jovem professora que inicia a carreira como professora designada numa escola pertencente ao sistema socioeducativo.

Palavras-chave: Indução Docente, Socioeducativo, Autobiografia.

INTRODUÇÃO

Baseando-se na narrativa autobiográfica da autora, a pesquisa discute os desafios vivenciados na inserção docente numa escola que integra o sistema socioeducativo. Essa delimitação surge de experiências do fazer cotidiano bem como de angústias e esperanças de transformação.

Escolhemos abordar o período de inserção docente por ser muito específico e desafiador para os professores, frequentemente levando ao abandono da carreira. Conforme Marcelo (1999), esse momento é definido como os primeiros anos de carreira, quando os professores fazem a transição de estudantes para docentes, desenvolvendo o “eu” profissional, ou seja, um momento de formação identitária do professor. Assim, a inserção profissional é quando o indivíduo inicia na carreira e precisa “aprender a ensinar”.

Este processo é raramente harmônico, sendo marcado por atribulações e tensões. Considerando esses desafios, destaca-se a importância da “indução docente”, definida como uma “ação intencional e sistemática em torno de professores iniciantes durante sua inserção profissional” (Cruz, Farias, Hobold, 2020). Além disso, é um momento de assistência ao

¹ O artigo é resultado de pesquisa de mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação: **Educação e Docência** da Universidade Federal de Minas Gerais

professor iniciante para a consolidação de seus conhecimentos e competências, e é viabilizado por meio de políticas públicas.

Os desafios da inserção profissional sem uma política de indução docente são ainda mais contundentes no contexto da escola inserida no sistema socioeducativo. A escola *locus* da pesquisa localiza-se em Belo Horizonte e tem como público adolescentes de gênero masculino, em três das unidades e, de gênero feminino, em uma unidade. São menores de idade, que cumprem medida de internação como responsabilização por atos infracionais, ou seja, adolescentes em conflito com a lei. É necessário salientar ainda que a socioeducação, objeto dessa pesquisa, não motiva o protagonismo diante do sistema educacional, tanto para discentes quanto para docentes. Não foi encontrada até o momento pesquisa que abordasse especificamente o período de inserção docente no socioeducativo, o que foi também um motivo para a escolha deste tema. Dessa forma, tendo em vista a socioeducação, constitui-se como um dos objetivos da pesquisa contribuir para a reflexão sobre o campo, especialmente no que diz respeito à docência.

No modelo atual de designação de professores temporários na rede estadual, o socioeducativo recebe muitos professores ingressantes na profissão pois este permanece como sendo o último lugar a ser escolhido por eles, mas se mostra como uma escola muito específica em relação às demais, o que acentua os problemas enfrentados durante o período de inserção docente.

METODOLOGIA

A fim de atingir os objetivos, a pesquisa qualitativa, com opção pela metodologia narrativa, baseia-se em narrativa autobiográfica e autoetnográfica. Assim, o uso do caderno de campo toma lugar de destaque para registrar as experiências da prática docente da professora/autora, que se encontra em período de inserção docente.

Segundo Cruz, Maia, Lontra (2021), a pesquisa (auto)biográfica segue princípios epistemológicos e metodológicos que revelam uma maneira de ampliar o conhecimento sobre/da pessoa em formação. O material autobiográfico, ligado à reflexão sobre a prática profissional, tornou-se um dos caminhos de construção do conhecimento docente, possibilitando aos profissionais da educação a ressignificação de saberes e práticas. Analisar, portanto, relatos de prática no início da carreira constitui, nos termos de Cruz (2021), uma pesquisa-formação, na medida em que o professor ocupa um papel de protagonista como sujeito na pesquisa, e não de mero objeto de pesquisa alheia. Considerando esse método como

analítico, interpretativo e reflexivo, entende-se que ele interroga as experiências individuais e as inclui num contexto maior, em que as “angústias” pessoais podem ser revisadas e transformadas.

Assim, a escolha da metodologia qualitativa e mais especificamente, da narrativa autobiográfica e autoetnografia, reflete o compromisso do trabalho em compreender os desafios enfrentados na prática pelos professores iniciantes em escolas do sistema socioeducativo. A experiência protagoniza esta pesquisa, permitindo uma ressignificação dos saberes e práticas pedagógicas no diálogo com outros pesquisadores e professores. Ao adotar uma abordagem de pesquisa-formação, reconhecemos a importância de situar o professor como sujeito ativo na construção do conhecimento sobre sua própria prática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A socioeducação surge como uma política pública visando à reintegração e ressocialização de crianças e adolescentes em conflito com a lei, conforme preconizado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. O estatuto, datado de 1990, é uma demanda que surge da emergência de uma nova concepção de criança e adolescente que, mais do que um grupo etário, devem ser considerados como sujeitos em desenvolvimento e por isso protegidos em suas especificidades e vulnerabilidades. Nesse âmbito, o documento, como marco legal, institui e garante o direito do adolescente infrator de ser ressocializado principalmente a partir de ações educativas, e não meramente encarcerado como um adulto. Nesta pesquisa, tratamos da medida socioeducativa de internação, em que o adolescente está privado de liberdade em instituição específica, e a escola abordada os atende no interior desse espaço.

A educação escolar no contexto socioeducativo constitui-se como principal eixo da medida socioeducativa. É vista como instrumento de ressocialização, de interrupção da trajetória infracional, já que é assumida como um caminho alternativo ao crime. Apesar disso, não é percebido um esforço de políticas públicas de indução docente no socioeducativo, de forma que professores ingressantes ficam em sua maioria abandonados e perdidos diante da complexidade e especificidade do local. A docente em questão, no socioeducativo, lida com a presença constante de agentes socioeducativos em sala de aula, que acabam por exercer uma vigilância a mais sobre as condutas e práticas pedagógicas. Além disso, um fator importante é a alta rotatividade de alunos, que são matriculados e desmatriculados na escola conforme sua pena inicia ou acaba, chegando a ter uma renovação completa de discentes num período curto, o que causa grande dificuldade na continuidade do conteúdo proposto pelos currículos

referência, que são ainda uma exigência da gestão escolar. A limitação de materiais e espaços também é um obstáculo colocado pelo espaço de segurança.

A professora tem como maior desafio, porém, a promoção da reconexão dos adolescentes com a escola, visto que, segundo dados do SINASE, cerca de 70% deles não estava sequer matriculado em alguma instituição de ensino. São sujeitos com histórias de vida muito duras, com uma série de violações de direitos e que, em certo momento, abandonaram a trajetória escolar e se inseriram na criminalidade. Ainda, apresentam alta taxa de distorção idade-série e uma certa resistência para com a realização das atividades escolares. Como alternativa de enfrentamento a todas essas questões, essa professora/autora propôs a incorporação da cultura e saberes prévios dos adolescentes nas aulas, para que no breve período em que frequentam a escola, ela faça ao menos um pouco de sentido para eles. Tendo em mente que possibilitasse alguma humanização e até mesmo descontração, de forma que a escola não significasse mais uma violência além da que o próprio ambiente de privação de liberdade estabelece. Quando insistiu em aulas mais problematizadoras de questões sociais, os alunos reclamaram que “de história triste, já basta a minha, professora!”. Como professora, isso me fez perceber que a abordagem com esses alunos não poderia ser como a proposta pela minha formação em licenciatura em história, de centrar nas questões sociais durante a aula, porque isso significava apenas reavivar certa dor para a esses sujeitos e, conseqüentemente, gerava resistência deles para com a atividade.

No dia a dia como professora, em geral, lanço mão de aula expositiva com maior ou menor grau de interação, na proporção que é possível em cada turma. Pelo que já percebi, passar “matéria no quadro”, explicar, dar visto e fazer exercícios ajuda por reforçar uma significação de escola, faz se sentirem alunos de uma escola “normal”. Mesmo assim, procuro sempre envolvê-los na explicação e nas respostas dos exercícios, indagando-os e até às vezes colocando-os para explicarem o que entenderam, como se fossem professores. Os alunos no início não gostam da ideia, e alguns se recusam, mas insisto e percebo que depois se sentem um pouco mais empoderados, mesmo que por isso eu seja chamada de “aperreada” por eles.

Como afirmou Dias (2019), busca-se “a capacidade de ver os meninos como ‘gente’, apesar de todas as situações com as quais tinham de conviver, os professores mantêm a postura de acreditar na possibilidade de eles assumirem outras posições na vida.” (p.178). Ainda assim, ressalta-se que a trajetória da professora em questão enfrentou e enfrenta inúmeros desafios quanto à sua inserção docente. Desde o início, buscou ajuda de colegas que tiveram a boa vontade de auxiliá-la e ensiná-la aspectos corriqueiros da carreira e dificuldades

na própria prática, mas que não foram abordados na formação universitária. Durante a graduação, sequer havia ouvido falar sobre a educação socioeducativa, o que acentuou as dificuldades e o chamado choque de realidade da prática profissional. É baseado então nesses relatos e dificuldades que trazemos a importância de programas de Indução Docente, especialmente no contexto socioeducativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante, por fim, do exposto, percebe-se a complexidade e as particularidades da pesquisa sobre os desafios do período de inserção docente em uma escola que integra o sistema socioeducativo. Ao abordar a narrativa autobiográfica da autora como método de pesquisa e prática de formação docente, a proposta de investigação destaca a importância da reflexão sobre experiências vividas para a transformação e aprimoramento da prática pedagógica. A pesquisa pretende contribuir em um campo ainda não explorado, não apenas para o avanço do conhecimento acadêmico sobre a educação socioeducativa, mas também para a melhoria da prática pedagógica e no auxílio a professores em período de inserção docente no sistema socioeducativo.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Giseli Barreto da; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; HOBOLD, Márcia de Souza. Indução profissional e o início do trabalho docente: debates e necessidades. Dossiê: “Formação e inserção profissional de professores iniciantes: conceitos e práticas”. Revista Eletrônica de Educação, v.14, 1-15, e4149114, jan./dez. 2020. DOI: 10.14244/198271994149. Acesso em: 10/04/2024.

CRUZ, Giseli Barreto da; PAIVA, Marilza Maia de; LONTRA, Viviane. A NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA COMO DISPOSITIVO DE PESQUISA-FORMAÇÃO NA INDUÇÃO PROFISSIONAL DOCENTE. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v.06, ed.19, p.956-972, 2021. DOI <https://dx.doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2021.v6.n19.p956-972>. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/12666>. Acesso em: 12 abr. 2024.

DIAS, Marília Sousa Andrade. Para estes meninos e meninas, qual docência? (escolas de sistemas socioeducativos – Brasil e Colômbia). Orientador: Profa Dra. Inês Assunção de Castro Teixeira. 2019. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Educação - Conhecimento e Inclusão Social) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/31934>. Acesso em: 5 abr. 2024.

MARCELO GARCIA, Carlos. Formação de professores: para uma mudança educativa. Tradução Isabel Narciso. 1ª ed. Portugal: Porto Editora, 1999, 272 p



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO